

DICOTOMIAS E SINGULARIDADES DOS PROCESSOS DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO.

Danilo Pereira de Sousa,

David Kempson Avelino Silva

Francisco das Chagas Marques Silva de Assis

Acadêmicos do Curso de Licenciatura em Pedagogia Bloco VII, Universidade Estadual do Piauí- UESPI.

RESUMO

O presente artigo visa discorrer a cerca dos processos de alfabetização e letramento na educação dos nossos discentes, procurando explicitar um paralelo entre os mesmo. Pois se sabe que a educação não é algo que deva estar em segundo plano, mas como prioridade em nossa sociedade. As diferenças entre países distantes mais com a mesma necessidade de reconhecer a leitura e a escrita como algo além dessa capacidade do simples ato de ler e escrever acabam por descobri que existe a desinvenção da alfabetização, especificadamente no Brasil, e verifica-se que é o fracasso na aprendizagem o principal fator. E que o letramento é aprender a ler e a escrever e é aprender a construir sentido para e por textos escritos.

PALAVRAS-CHAVE: ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO, APRENDIZAGEM.

ABSTRACT

This paper aims to argue about the processes of literacy and literacy education of our students, trying to explain a parallel between the same. For we know that education is not something that should be in the background, but as a priority in our society. Differences between more distant countries with the same need to recognize the reading and writing as something beyond the capacity of this simple act of reading and writing just discovered that there is desinvenção literacy, specifically in Brazil, and it appears that the failure is the main factor in learning. And explain that literacy is learning to read and write is learning to construct meaning for and texts.

KEYWORDS: LITERACY TRAINING, LITERACY, LEARNING.

INTRODUÇÃO

Por que a necessidade de diferenciar alfabetização de letramento, se as duas estão interligadas? De certo modo não pode existir letramento sem alfabetização, e o processo de evolução da alfabetização é o letramento. A preocupação de grandes países era saber se quem dizia ler e escrever, era capaz de raciocinar e colocar em ordem as ideias apresentadas no texto. Houve a necessidade de diferenciar-se a alfabetização de letramento para que assim, houvesse como trabalhar melhor, pois, constatado em países de primeiro mundo que grande parte da população, embora soubesse ler, não tinham o domínio das habilidades de leitura e escritas fundamentais para as práticas sociais que englobam a linguagem escrita. E se por um lado na França a grande parte da população domina o sistema da escrita, o processo de alfabetização acontece, e está voltado para trabalhadores e imigrantes na língua francesa, por outro lado nos Estados Unidos o foco do letramento se dirigia a estudantes das grandes escolas que não dominavam as práticas do letramento, e o grande problema não estava no não saber ler e escrever, estava na falta de competência para usar a leitura e a escrita. Enquanto no Brasil alfabetização e letramento ainda se fundiam mesmo a primeira explicitando as suas especificidades.

DESENVOLVIMENTO

Considerava-se alfabetizado aquele que soubesse ler e escrever, mas com o tempo seria quem fosse capaz de ler e escrever um bilhete, embora pouco, mas existia uma leve diferença entre as duas, possibilitando assim distinguir alfabetizados de letrados, de forma que o segundo já tinha condições de fazer uso da leitura e escrita. Para Silva:

Tanto é assim que as famílias, principalmente as mais humildes, matriculam seus filhos nas escolas para aprenderem a ler, escrever e a contar. Que dizer: as famílias sabem muito bem o valor dessas competências para a sobrevivência e convivência numa sociedade letrada. (Silva 2007.p, 7)

A ideia das famílias mais humildes é fazer com que seus filhos possam seguir uma carreira diferente daquilo que os pais e avós foram, e sabem que somente a leitura, a escrita e a compreensão do que leem, será capaz de mudar o futuro, atingindo os patamares desejados por eles, e que todos os cidadãos independentes da classe social, tem uma noção do valor da

educação para seus filhos, sendo a chave principal para o crescimento e desenvolvimento intelectual dos mesmos dentro da sociedade. Dentro dessa ideia familiar pode-se elencar a importância de cada educador e como ele é único em sua forma em sua forma de pensar e de agir com seus discentes, cabendo-lhe escolher qual o melhor método de ensino ser aplicado para o melhoramento do desempenho cognitivo de sua turma. Alfabetizar letrando não é uma tarefa fácil a ser desenvolvida na prática, pois exige do educador experiência, responsabilidade no ato de educar, persistência, senso social, ser observador e capaz de compreender os limites de cada aluno entre as qualidades. Alfabetizar e letrar são processos distintos, porém interligados, ou seja, pode-se ensinar crianças, jovens e adultos a ler, a escrever, conhecer os sons que as letras representam e, ao mesmo tempo, com a mesma ênfase, convidá-los a se tornarem leitores, a participar da aventura do conhecimento oculto no ato de ler.

1. Por que é importante alfabetizar?

O processo de alfabetização é visto na atual sociedade que tem por características excluir, estigmatizar e expor pessoas que não são alfabetizadas, diminuindo sua participação e importância dentro deste universo tão competitivo, os indivíduos alfabetizados por sua vez tem contato direto com livros, revistas, jornais, ou outros meios de leitura escritas, que acabam prejudicando o gosto e o aprimoramento da leitura. Este processo de alfabetização está geralmente associado a aspectos sociais e econômicos: regiões, grupos e pessoas analfabetas coincidem com a miséria e a marginalização. Nas escolas brasileiras a alfabetização se traduz em altíssimos índices de desempenhos ruins ou quase nulos quando se aplica provas de leituras, expondo assim alunos que passaram por seis ou oito anos na escola e mesmo assim são considerados não alfabetizados ou semialfabetizados, e dessa forma o fracasso escolar se pode atribuir as perdas das especificidades diretas da alfabetização, ou seja, trabalhou-se por muito tempo apenas a linguagem escrita, deixando de lado a leitura. Grande parte desse problema está na forma como o material para “aprender a ler” é colocado na sala de aula, colocando a criança como um produto pronto para a alfabetização, ao passo que se fosse trabalhado alfabetização e letramento no mesmo processo, lado a lado, colocaria nas mãos da criança um material “para ler”, e assim a mesma, aos poucos construiria o conhecimento, pois existiria uma interação com língua escrita a ao mesmo tempo com a leitura. Nesse paralelo entre Brasil, Estados Unidos e França, se afirma a necessidade de reinventar a alfabetização para que possa haver essa ligação direta entre escrita e leitura, possibilitando assim a necessidade de introduzir a língua escrita como objeto direto de ensino.

Para Teberosky, Tolchinski, o fator econômico ainda é o principal objetivo de colocar o filho na escola, pensa-se logo que com uma boa escolarização o sujeito tenha uma vida financeira melhor que a de seus pais como coloca Teberosky, Tolchinski:

Executando-se o fator econômico, é quase impossível para uma mente alfabetizada imaginar a vida social dos grupos humanos sem a escrita. A escrita impregna a maioria das instituições sociais que dirigem a vida comunitária: o estabelecimento da identidade, a transmissão da herança, escolarização. A maneira como pensamos, percebemos e concebemos a linguagem também esta influenciada pela escrita. Estas são, entre muitas outras as razões pelas quais as diferenças são incomensuráveis. (Teberosky, Tolchinski, 2006, p.7)

A fala das autoras retrata muito a questão do fator econômico, presente em maioria das sociedades existentes, sendo que ele é o principal ponto de partida para qualquer outro entendimento social, assim para o cidadão ter sua formação é muito valioso para a sua ascensão dentro de um capitalismo que predomina na atual sociedade. A expressão da escolaridade e do analfabetismo não implica, como se poderia pensar, democracia social ou redução das desigualdades. A demanda por educação resulta das necessidades do próprio modelo de sociedade. Do ponto de vista do sistema, a escolarização é necessária para que o indivíduo seja mais produtivo, para que saiba seguir instruções e movimenta-se no espaço urbano industrial, para que possa consumir produtos e respeitar ou assumir os valores hegemônicos. Grande erro seria separar letramento de alfabetização, pois os dois entrelaçam-se no processo de entrada no mundo da leitura e escrita. Soares cita Ferreiro como opositora da necessidade de existir duas vertentes tão parecidas ao ponto de se confundirem às vezes no processo educacional, [...] uma vez que uma estar contida dentro da outra [...] (Emília Ferreiro, revista nova escola, ano XVIII, n.162). Essas muitas facetas como a imersão na cultura escrita, diferentes tipos e gêneros de material escrito, habilidades de decodificação e decodificação de língua escrita, segundo Soares(2003), se fosse permitida as crianças, não haveria um grande e precário resultado de uma má aprendizagem nas series iniciais se estendendo até o ensino médio, provocando uma séria reflexão de se trabalhar a alfabetização simultaneamente com o letramento. Fica de forma clara que é de fundamental necessidade fazer essa interação entre alfabetizar e letrar. Sendo que cada uma com suas especificidades, mas que não podem agir de forma isolada, como se cada uma tivesse uma vertente e um interesse particular no processo educacional, e uma vez que a alfabetização é uma aquisição e apropriação do sistema da escrita e o letramento é desenvolvimento das habilidades de uso da

leitura e escrita, e se ambas convergem para um mesmo paralelo, não pode existir separadas. Para Simonetti quer dizer que:

Alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (ler)[...] sem duvidas a alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas e vice-versa, mais é também um processo de compreensão /expressão de significados por meio do código escrito. Não consideraria “alfabetizar” uma pessoa que fosse apenas capaz de decodificar símbolos visuais em símbolos sonoros “lendo”, por exemplo, sílabas ou palavra isolada como também não se consideraria “alfabetizada” uma pessoa incapaz de, por exemplo, usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua, ao expressar-se por escrito (Simonetti 2005, p.6).

Alfabetizar não é nada mais do que adquirir domínios da leitura e escrita, ou seja, o ser que somente decodifica símbolos apenas pela familiarização sem entender certamente o que estar escrito é uma pessoa alfabética funcional. Quando se fala de relação grafemas/fonemas e vice-versa, estes são dois processos que devem estar interligados ao processo de alfabetização sendo que os grafemas são as escritas e os fonemas são os sons, ou seja, a pessoa para ser alfabetizada devesse fazer uma ponte entre a escrita das palavras e o som que ela representa, ou mesmo as letras e o som delas. Por tanto se pode colocar que a alfabetização se ocupa apenas com a aquisição da escrita por indivíduo. Coloca-se ainda a urgência de uma grande parte de educadores descobrirem quão grandes é a importância de se trabalhar a alfabetização e o letramento em detrimento da renovação ou reinvenção da educação no Brasil, alfabetizar não pode se desassociar nem tão pouco estar sendo trabalhada em formar somente de leitura, assim como o letramento não pode ser trabalhada posteriormente a alfabetização, essa falta de conhecimento dos professores levou a um fracasso escolar gritante na educação brasileira. Mesmo que alfabetizar e letrar tenha suas especificidades, e sendo elas tão parecidas ao ponto de chegar a confundir até os professores que a muito estão na sala de aula, não podemos dissociá-las, segregar as especificidades de uma em detrimento do crescimento do outra. Os dois pontos trabalhados por Soares (2003) tem suas facetas bem explícitas a ponto de não existir dúvida sobre o que é letrar e o que é alfabetizar, mesmo assim não podemos dizer que profissionais da educação estão trabalhando os dois ao mesmo tempo, prova disto são os altos índices de repetência, fracasso escolar e evasão, além de um grande número de semialfabetizados, e não um grande número de pessoas que saibam ler e argumentar o que estão lendo a dimensão social do letramento diz respeito às práticas sociais que envolvem a

escrita e a leitura em contextos determinados. O que está em jogo, nesse âmbito, é objetivos práticos de quem utiliza a leitura e a escrita, as interações que estabelecem entre os participantes da situação discursiva, as demandas que os contextos sociais colocam as representações e os valores associados à leitura e a escrita que um determinado grupo cultural assume e dissemina. Soares afirma ainda que:

As crianças não precisam aprender primeiro a ler e a escrever para depois chegar ao letramento, usar a leitura e a escrita como prática social. Deve-se trazer para o cotidiano da sala de aula a leitura viva dos livros de literatura infantil, jornais, revistas em quadrinhos, gibis, ou a prática da escrita em bilhetes, e-mails, fax, cartas, receitas, listas de supermercados, músicas, histórias, poesias, parlendas, etc. (Soares 2005, p.7)

Não é somente com o auxílio do livro didático que os educadores podem transmitir conhecimentos de leituras e escrita, mas sim utilizando da criatividade por meios alternativos de leituras impressos, para que o educando venha a internalizar melhor os conteúdos expostos. Soares (2005) ainda faz menção aos meios de leitura que os professores podem usar em suas salas de aulas e que estes estejam presentes no cotidiano dos alunos facilitando o acesso dos mesmos aos materiais, cita-se ainda a leitura visual e sonora como revistas, livros e jornais e para a leitura cognitiva citam-se as músicas que podem ser de vários gêneros e estilos. Ao evidenciar que não é a aprendizagem da linguagem escrita em si que transforma as pessoas, mas sim os usos que elas fazem desse instrumento, os estudos sobre o letramento abrem novas perspectivas para a reflexão crítica sobre o papel da escola e também para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que respondam com mais eficiência as demandas sociais relativas ao letramento. A proposta do letramento é fazer a criança trabalhar desde cedo com textos variados e é tarefa que se estende por todo ensino básico. Tornar-se letrado é aprender a aprimorar-se suficientemente da escrita e da leitura a ponto de usá-las com desenvoltura e propriedade.

2. O desafio de alfabetizar e letrar.

Alfabetizar e letrar são um desafio, pois ao mesmo tempo em que o professor está na sala de aula, ele tem de recorrer aos teóricos e responder a si mesmo, o porquê de alfabetizar

(Simonetti, 2003). E como deve ser fazer para letrar uma vez que a aprendizagem é interativa, social e cultural, e que a cada um desses processos necessita do professor como intermediário, e cabe ao mesmo por fazer essa ligação entre criança e os processos de aprendizagem como coloca Simonetti:

Então as crianças na escola aprendem de forma ativa, mediada pela intervenção didática da (o) professora (o), elaborada e interagida de modo intencional. Aprende na interação com o conhecimento/conteúdo, na interação com professora (o) e com colegas, ressalta-se que as linguagens, representações simbólicas, são determinantes, fundamentais nesse processo de aprendizagem. (Simonetti, 2005, p. 7)

O professor apresenta conteúdos e cria um ciclo de aprendizagem entre aluno-professor-aluno, apresenta os símbolos e representações, e não somente os argumentos, mais a interação entre colegas, faz difundir esse ciclo, fortalecendo os processos fundamentais da aprendizagem. Simonetti (2005) coloca o construtivismo como fonte de contribuição para o processo alfabetizar-letrar, pois algumas habilidades como a escrita, a linguagem oral e leitura, são interdependentes e variam de criança para criança e independem de idade para idade. No livro *Psicogênese da Língua Escrita* de Emilia Ferrero e Ana Teberosky, cria-se uma revolução entre muitos teóricos, pois como diz Ferrero (1986) criou-se uma revolução ao revelar que crianças tem conhecimento sobre o ler e o escrever, mesmo antes de entrar no mundo escolar. Pode até ter sido para os teóricos uma grande revelação, mais os professores já constatavam isso há muito tempo na sala de aula.

Esse processo de alfabetizar é um grande problema para os países mais pobres, e mesmo assim alguns países ricos descobrem o eletrismo, que para Ferrero (2005) é o nome dado a uma realidade muito simples: a escolaridade básica universal não assegura a prática cotidiana da leitura, nem o gosto de ler muito menos o prazer da leitura. E ainda reintera ao dizer que:

É claro que esta “alfabetizado para continuar no circuito escolar” não garante estar alfabetizado para a vida cidadã. As melhores pesquisas europeias distinguem cuidadosamente parâmetros como: alfabetizado para a rua, alfabetizado para o jornal, alfabetizado para a literatura (clássica ou contemporânea) etc. a esta lista temos de agregar agora: alfabetizar para o computador e para a internet. (Ferrero 2005, p.17)

A preocupação com a alfabetização e a sua própria divisão em varias categorias, agora faz necessário que se esteja alfabetizado pra a internet, pois não é preciso somente saber ler e escrever, agora se tem que navegar pelos sites, visitar blogs, baixar arquivos, e ainda estar letrado e alfabetizado para a língua inglesa, uma vez que a grande maioria dos sites tem uma linguagem americanizada e se já era uma missão difícil alfabetizar e letrar na língua materna, pode-se entender como estar para professores fazer isso em outras línguas, mais esse processo de educação sempre foi um grande problema, e se torna cada dia mais difícil. Como coloca Ferrero:

Isso implica reconhecer que a alfabetização escolar, por um lado, e a alfabetização necessária para a vida cidadã, para o trabalho progressivamente automatizado e para o tempo livre, por outro, são coisas independentes. E isso é grave: se a escola não alfabetiza para vida e para o trabalho, para que e para quem alfabetiza? (Ferrero, 2005, p 17).

Questiona-se essa alfabetização de forma a não saber como e para quem essa ação alfabetizadora servira, se ela esta voltada para o uso em forma de leitura, de consciência cidadã, ou se seu uso será apenas para não existir analfabetos, para torna um numero positivo na contagem de letrados e alfabetizados. Esse processo de escola publica de qualidade esta para uma utopia assim como o acesso das novas tecnologias esta para os alunos de escolas publicas que fica nas zonas periféricas não só do Brasil mais também de outros países da America Latina. Todos colocam a educação como base para o crescimento, como libertação, mais não valorizam o educador e os educadores não desbrava o conhecimento, não mudam a realidade da educação, não tem atrevimento para tal. Como alerta Ferrero:

Todos louvam a educação como chave para a inclusão no século XXI, mais ninguém se atreve a enfrentar os novos desafios da alfabetização[...] ninguém se atreve a colocar abertamente a questão do grau de analfabetismo dos professores e de seus alunos, incapazes de passar de o livro (no singular) para os livros (no plural)... Sem falar nas redes de informáticas e outras lindezas similares (Ferrero, 2005 p.42-43).

De fato o nível de leitura entre os professores e estudantes esta cada dia mais baixo, a parti daí surgem às indagações de como promover a alfabetização e o letramento se os professores não são letrados e alfabetizados? Se os professores são analfabetos de livros? E não atinge o nível pelo menos razoável de leitura livro/ano, e como consequências desse déficit inserem no mundo da alfabetização e do letramento crianças com um nível baixíssimo de leitura e escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Letrar, alfabetizar, educar, transmitir, todos esses verbos seguem a mesma direção, apenas tem processos de aplicações diferentes e essas metodologias não estão numa fórmula, assim como a absorção delas variam de criança para criança, também variam as suas aplicações de educador para educador. Sob uma visão mais critica, letramento e alfabetização são duas vertentes ao mesmo tempo em que são paralelas se convergem para uma mesma direção e podem ser aplicadas de formas distintas, porem nunca uma pode crescer para a outra diminuir. Se letrar é colocar a criança em contato direto coma cultura e vários gêneros de material escrito; alfabetizar é codificar e decodificar a língua escrita. Então para que uma possa se desenvolver é necessário que a outra também o faça. O que se acredita até então é que, esses dois processos tem um forte opositor, que não possibilita o crescimento, ou seja, o próprio professor coloca-se como o vilão, uma vez que, não consegue sair do singular de “livro” para o plural “livros” Colocando assim todo o seu esforço e dedicação em jogo, não se coloca aqui que ele o faz por que quer, mais o faz por não ter sido educado dentro desse plural de livros.

Educar e alfabetizar ao mesmo tempo esta a poucos passos do professor (a), mas que infelizmente esta em um labirinto, sendo que o educador (a) percorre primeiro o caminho da alfabetização para só então percorrer o do letramento, ou seja, só depois de passar por dois caminhos consegui enfim chegar à saída, e então começa a trabalhar alfabetização e letramento juntos, podendo ter seguido um só caminho e fazer os dois processos ao mesmo tempo ganhando tempo. Não se atribui a culpa ao professor, ao sistema, na verdade a ninguém, acredita-se que faltam métodos, embora se consiga de forma clara distinguir alfabetização de letramento e sabendo-se que é possível trabalhar os dois ao mesmo tempo,

professores ainda trabalham os dois separados e somente quando a criança esta alfabetizada se trabalha o letramento e só então começa a inclusão do estudante no processo de leitura e interpretação do que se esta lendo.

REFERÊNCIAS

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Alfabetização no Brasil**: questões e aprovações da atualidade. Campinas-SP: autores associados, 2007.

TEBEROSKI, Ana. TOLCHINSKY, Liliana. **Alem da Alfabetização**: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática, 4ª Ed Ática, São Paulo, 2006.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2ª. Ed. Autentica. Belo Horizonte, 2004.

_____ **Letramento e Alfabetização**: as muitas facetas. 2003.

SIMONETTI, Amália. **O Desafio de Alfabetizar e letrar**. Fortaleza, Edições Livro Técnico, 2005.

FERRERO, Emilia. **Passado e presente dos verbos ler escrever**. 2ª Ed. São Paulo, Cortez, 2005.